

# PAUSAS PREENCHIDAS E DOMÍNIOS PROSÓDICOS: EVIDÊNCIAS PARA A VALIDAÇÃO DO DESCRITOR FLUÊNCIA EM UM TESTE DE PROFICIÊNCIA ORAL EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Vanessa Borges de ALMEIDA<sup>1</sup>

- **RESUMO:** O presente trabalho configura um estudo sobre o emprego das pausas preenchidas eh (ɛ) e uh (ə) por brasileiros falantes de inglês como língua estrangeira em entrevistas do Teste de Proficiência Oral em Língua Inglesa (TEPOLI). O estudo fundamenta-se sobre a teoria da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986) e sobre os estudos de pausas preenchidas e o conceito de fluência de Moniz (2006), Merlo (2006) e Scarpa (1995). A investigação compõe-se de um olhar tripla: analisamos a escolha de eh e uh como sons preenchedores; investigamos os contextos prosódicos das pausas preenchidas; e examinamos a motivação cognitivo-discursiva para a inserção dessas pausas preenchidas. Os dados embasam uma reflexão sobre o conceito de fluência e oferecem maior poder descritivo à escala do teste, contribuindo, portanto, para seus estudos de validade e confiabilidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Pausas preenchidas. Fonologia prosódica. Avaliação de proficiência.

## Introdução: o construto de fluência

Neste trabalho, propomos um olhar crítico quantitativo e, ao mesmo tempo, qualitativo sobre o fenômeno da fluência, mais especificamente em relação ao emprego de pausas preenchidas. Há vários estudos que investigam pausas preenchidas e sons preenchedores no uso da linguagem; entretanto, nossa contribuição se dá no sentido de propor essa análise num *corpus* de uso de língua estrangeira (inglês) ao longo de faixas de proficiência escalonadas de um teste em fase de implementação, o Teste de Proficiência Oral em Língua Inglesa (TEPOLI), descrito por Consolo (2004) e Consolo e Silva (2007). Os resultados poderão contribuir para o aprimoramento do descritor fluência nessas faixas de proficiência e, conseqüentemente, elevar o poder do teste, à medida que fornecem mais informações para a avaliação feita pelos examinadores.

Os estudos que investigam a fluência e suas características têm recebido mais interesse de fonoaudiólogos e de profissionais de distúrbios da fala que de linguistas e linguistas aplicados (SCARPA, 1995), e ainda é difícil encontrar um

---

<sup>1</sup> UNESP- Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto- SP- Brasil. 15054-000- va\_almeida@hotmail.com.

consenso para uma definição do termo. Entretanto, todos concordam que fluência seja uma medida de desempenho na língua. No campo da avaliação de proficiência oral, no entanto, tem sido utilizada “[...] como uma confiança injustificável, na medida em que as escassas descrições existentes se baseiam muito mais na intuição do que propriamente em teorias científicas” (SILVA, 2000, p.56).

As dificuldades em definir o termo **fluência** e o que de fato é um sujeito **fluente**, por consequência, levaram à estratégia de definição pela oposição, ou seja, pela investigação do que seja ser disfluente (SCARPA, 1995). A partir de Moniz (2006), que aborda elementos disfluente, Merlo (2006) levanta algumas características do discurso fluente: (a) baixa frequência de hesitações; (b) baixa frequência de reformulações; (c) baixa frequência, curta duração e uso nativo de pausas silenciosas fluentes; (d) taxa de elocução (*speech rate*) confortável; (e) facilidade de emissão; (f) habilidade gramatical; (g) diminuição da complexidade semântica.

Assim, nem toda pausa é necessariamente disfluente. As pausas silenciosas podem ser consideradas fluentes ou hesitativas (MERLO, 2006), e também as pausas preenchidas podem ser fluentes ou hesitativas. Mas, quando os elementos surgem realmente como disfluente, o fenômeno passa a ser categorizado como hesitação. De acordo com Merlo (2006, p.210-211):

[...] para determinar se uma pausa é fluente ou hesitativa, utilizam-se pistas sintáticas e prosódicas. As pausas fluentes costumam estar em fronteiras sintáticas fortes [...]. Em contrapartida, as pausas hesitativas geralmente estão em fronteiras sintáticas fracas. [...] Com relação à prosódia, as pausas fluentes situam-se entre grupos acentuais (*stress groups* ou *rhythmic groups*) e servem para demarcá-los. As pausas hesitativas, por outro lado, situam-se no interior de grupos acentuais.

Segundo Cagliari (1992), as pausas fluentes ocorrem em momentos oportunos, como ao final de orações ou frases, sintagmas e palavras. Quando desobedecem a esse princípio dos momentos oportunos, ocorre a hesitação disfluente, resultante de uma reorganização do processo de produção da fala. Semelhantemente, Silva (2000, p.65) e Consolo (1994) identificam a linguagem formulaica – expressões e frases “prontas” ou “pré-fabricadas” – como um elemento determinante da fluência do indivíduo, concordando com a afirmação de Scarpa (1995, p.171):

De modo geral, portanto, trechos fluentes são os já ajeitados, conhecidos, analisados ou, na grande maioria dos casos, congelados, vêm em bloco. Os disfluente são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado.

A questão torna-se ainda mais complexa porque a simples quantificação dos elementos acima descritos como disfluências não necessariamente descreve o fenômeno da disfluência – e, por oposição, da fluência –, já que o discurso pode apresentar esses elementos e ainda assim “soar” fluente. Mas a análise do contexto pode possibilitar um quadro mais fundamentado de como esses mecanismos estão operando. A investigação do fenômeno da fluência torna-se ainda mais desafiadora pela existência de variação de fluência de indivíduo para indivíduo (entre sujeitos) (CLARK; FOX TREE, 2002; FILLMORE, 1979), além do fato de que o mesmo indivíduo pode apresentar fluências muito distintas dependendo da situação de fala (LUOMA, 2004; BROWN, 2003; SCARAMUCCI, 2000). Consequentemente, Scarpa (1995) afirma que a imagem do sujeito fluente é uma abstração ideal que inexistente, mas que é necessária para que possamos investigar a linguagem.

### **Pausas preenchidas**

Dentre os vários elementos possíveis relacionados ao conceito de fluência estão as pausas preenchidas. Elas se diferenciam das pausas silenciosas porque o falante preenche o tempo com sons que não configuram itens lexicalizados. Podem ser consideradas fluentes ou hesitativas, dependendo de sua localização sintática e/ou prosódica, e não se encontram aleatoriamente distribuídas (MARCUSCHI, 1999, 1997; CRUTTENDEN, 1997). As pausas preenchidas são vistas como sinalizadores de hesitação por Merlo (2006), Moniz (2006), Scarpa (1995) e Marcuschi (1999). Os elementos descritos como possíveis fenômenos hesitativos de forma geral obedecem a princípios de distribuição que determinam não apenas onde um elemento pode ocorrer e ainda assim manter o discurso fluente, mas também a duração de cada manifestação desse fenômeno (ZANIBONI, 2002).

Segundo Eklund e Shriberg (1998 apud MONIZ, 2006), em inglês, as pausas preenchidas ocorrem mais em início de enunciado que em seu interior. Por excelência, o inicial de enunciado é a posição típica para o uso fluente – e nativo – das pausas preenchidas. De acordo com os autores, 50% delas ocorrem nessa posição.

Outros estudos mostram que a distribuição também pode estar associada ao tipo de segmento inserido. Swerts (1998) observa que as pausas preenchidas do alemão, *um* e *uh*, ocorrem em posições diferentes no discurso e têm distribuições diferentes, o que revela diferentes graus de planejamento discursivo.

Além disso, a maior parte desses fenômenos ocorre antes de itens funcionais, sugerindo que “são de fato momentos de planejamento *on line* que interferem no processamento” (MARCUSCHI, 1999, p.171). Koch (1995, p.105) concorda que esse tipo de fenômeno seja consequência do processamento cognitivo quando

afirma que “[...] o uso desses recursos tem por objetivo garantir ao locutor o tempo necessário para o planejamento mais adequado de seu discurso.” Também já está descrito que as pausas preenchidas podem desempenhar funções conversacionais, ou seja, têm papel específico na interação (SCLIAR-CABRAL; RODRIGUES, 1994). Quando o falante tem pouco controle de seu turno, realiza pausas silenciosas maiores e em maior quantidade, ao passo que, quando quer manter o turno, tanto a quantidade quanto a duração das pausas silenciosas diminuem, dando lugar às pausas preenchidas (MACLAY; OSGOOD, 1959). O silêncio pode ocasionar a perda do turno, de forma que “falantes menos fluentes têm dificuldade de manter o turno”. (MARCUSCHI, 1999, p.181).

Moniz (2006) identifica três funções das pausas preenchidas: busca lexical, planejamento discursivo e manutenção ou tomada de turno, no caso dos diálogos. Segundo Marcuschi (1999), além da manutenção e da tomada de turno, as pausas preenchidas podem sinalizar também a entrega de turno. Pausas preenchidas no início de enunciado estão associadas ao planejamento global do discurso, enquanto aquelas no interior do enunciado estão mais relacionadas à busca lexical.

Cabe acrescentar que cada língua apresenta uma série de sons preenchedores específicos, de sorte que não é difícil perceber, na fala de um estrangeiro, sons estranhos ao repertório da língua em uso. Na Tabela 01, a partir de Clark e Fox Tree (2002), Moniz (2006) e Marcuschi (1999), reproduzimos algumas das formas ortográficas das pausas preenchidas já descritas para as duas línguas consideradas neste estudo, além de outras línguas a elas aparentadas.

**Tabela 01** – Formas utilizadas para transcrever pausas preenchidas em diferentes línguas

<b>Língua</b>	<b>Som preenchedor</b>	<b>Referências</b>
Inglês americano	<i>uh</i> , um, ah	Clark e Fox Tree (2002)
Inglês britânico	er, erm, um	Clark e Fox Tree (2002)
Holandês	<i>uh</i> , um	Swertz (1998)
Francês	eu, <i>euh</i> , em, <i>eh</i> , oe, n, hein	Duez (1982, 1991, 1993 apud MONIZ 2006)
Espanhol	<i>eh</i> , em=, este, pues	Brody e van der Vlugt (1987 apud MONIZ, 2006)
Português europeu	aa, aam, mm	Mata (1999 apud MONIZ 2006)
Português brasileiro	éh, ah, ahn, mm	Marcuschi (1999) e Campos e Cruz (2007)

O som por excelência da língua portuguesa falada no Brasil é o *eh* (ɛ) (MARCUSCHI, 1999) e da língua inglesa, o *uh* (ə) (CLARK; FOX TREE, 2002). É apenas para esses dois tipos de segmentos que nos voltamos neste trabalho. Variações desses mesmos sons devido ao alongamento vocálico são analisadas também, mas não fazemos distinção entre a presença ou ausência de alongamento para efeitos de avaliação do grau de proficiência das faixas analisadas.

Concluimos que as análises das funções das pausas preenchidas são relevantes para nossa questão e identificamos que tais análises explicitam a relevância de se tomar esse fenômeno linguístico para a investigação da avaliação da proficiência de brasileiros falantes de inglês como língua estrangeira. Nesse sentido, este trabalho visa a contribuir, por um lado, com a reflexão sobre as funções linguísticas das pausas preenchidas e, por outro, com a reflexão sobre a noção de fluência em língua estrangeira.

## Domínios prosódicos

A Fonologia Não-Linear apresenta uma proposta interessante para a investigação da dicotomia fluência/disfluência, pois permite a observação dos fenômenos em diferentes níveis não-excludentes. Assim, é possível observar se as pausas preenchidas ocorrem em fronteiras de constituintes maiores, em fronteiras de constituintes menores ou dentro desses constituintes<sup>2</sup>. Segundo Scarpa (1995 p.169-170),

[...] prosodicamente, as partes mais fluentes do enunciado são aquelas coincidentes com o chamado 'acento frasal' ou núcleo do grupo entonacional, isto é, aqueles centros de proeminência prosódica que revelam sinais de estabilidade formal do enunciado [...].

A afirmação da autora nos permite depreender os locais prováveis em que podemos encontrar pausas silenciosas ou preenchidas fluentes. Quando esses fenômenos ocorrem dentro ou em fronteiras de constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, temos indicadores de que se pode tratar de fenômeno hesitativo. Assim, no discurso fluente os elementos de pausa preenchida são realizados em geral em fronteiras de constituintes prosódicos mais altos, ao passo que no discurso disfluente tendem a ocorrer em fronteiras de constituintes prosódicos mais baixos ou dentro desses.

Destacamos que, segundo essa teoria prosódica, as fronteiras de constituintes prosódicos não necessariamente coincidem com as fronteiras sintáticas, embora

---

<sup>2</sup> Compreendemos constituintes maiores na estrutura prosódica como *I* e *U* e, na sintaxe, como os sintagmas sujeito e predicado. Como constituintes prosódicos menores, compreendemos todos aqueles abaixo de *I*.

isso possa ocorrer em alguns casos. A explicação para isso advém do fato de que as regras que determinam a prosódia não são naturalmente recursivas, enquanto aquelas do sistema sintático o são (NESPOR; VOGEL, 1986; BISOL, 2005).

Quanto são os constituintes prosódicos e qual o algoritmo de formação de cada um deles são temas de discussão entre os pesquisadores da área. Neste trabalho, assumimos, junto com Tenani (2002), o modelo de Nespore e Vogel (1986), o qual prevê sete domínios: a sílaba ( $\sigma$ ), o pé métrico ( $\Sigma$ ), a palavra fonológica ( $\omega$ ), o grupo clítico (C), a frase fonológica ( $\phi$ ), a frase entoacional (I) e o enunciado (U).

Neste estudo, restringimos nossa pesquisa a  $\phi$ , I e U e não investigamos regras fonológicas, dentro ou em fronteira desses domínios; os constituintes prosódicos são considerados apenas para o fim de encontrarmos a estrutura prosódica em que ocorrem as pausas preenchidas no uso da língua estrangeira.

De acordo com Bisol (2005), a frase fonológica ( $\phi$ ) é o constituinte prosódico que engloba todos os constituintes menores:  $\sigma$ ,  $\Sigma$ ,  $\omega$  e C. Como ilustram os exemplos em (1)<sup>3</sup>,  $\phi$  é constituído de uma expressão formada pelo cabeça (s) e um ou vários elementos fracos (w). A determinação do elemento forte segue a regra da proeminência relativa, ou seja, nos casos do português e do inglês, o cabeça é o elemento mais à direita do constituinte. Também pode ser constituída de apenas um elemento.

- (1) a.  $\overset{w}{O} \overset{w}{d} \overset{s}{i} \overset{s}{a} \overset{w}{s} \overset{w}{o} \overset{s}{m} \overset{s}{b} \overset{r}]{\phi} \overset{s}{e} \overset{w}{m} \overset{s}{e} \overset{s}{r} \overset{w}{t} \overset{s}{i} \overset{w}{c} \overset{s}{i} \overset{a}]{\phi} \overset{w}{o} \overset{s}{l} \overset{w}{i} \overset{s}{t} \overset{a}]{\phi} \overset{w}{v} \overset{s}{i} \overset{a}]{\phi} \overset{w}{j} \overset{s}{i} \overset{a}]{\phi} \overset{w}{v} \overset{s}{i} \overset{a}]{\phi}$   
 b.  $\overset{w}{T} \overset{s}{h} \overset{e} \overset{s}{l} \overset{u} \overset{g} \overset{g} \overset{e} \overset{r}]{\phi} \overset{s}{b} \overset{e} \overset{x} \overset{e} \overset{d}]{\phi} \overset{w}{i} \overset{s}{n} \overset{t} \overset{h} \overset{e} \overset{c} \overset{r} \overset{o} \overset{w} \overset{d}]{\phi}$

A frase entoacional (I), por sua vez, é o constituinte mais acima de  $\phi$  na cadeia prosódica, e envolve um ou vários  $\phi$ s, como exemplificam (2a) e (2b). Como é determinado pelo contorno entoacional, tem relação com a sintaxe e com a semântica. Esta última determina a proeminência relativa dos  $\phi$ s que compõem o I (2c a 2f)<sup>4</sup>.

- (2) a.  $[_I \overset{w}{[} \overset{s}{L} \overset{e} \overset{o} \overset{n} \overset{a} \overset{r} \overset{d} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{f} \overset{o} \overset{u} \overset{n} \overset{d} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{a} \overset{p} \overset{a} \overset{k} \overset{a} \overset{g} \overset{e} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{o} \overset{n} \overset{t} \overset{h} \overset{e} \overset{d} \overset{o} \overset{o} \overset{r} \overset{s} \overset{t} \overset{e} \overset{p} \overset{]}{\phi} \overset{s}{I}]$   
 b.  $[_I \overset{w}{[} \overset{s}{A} \overset{M} \overset{a} \overset{r} \overset{i} \overset{n} \overset{a} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{n} \overset{ã} \overset{o} \overset{a} \overset{c} \overset{r} \overset{e} \overset{d} \overset{i} \overset{t} \overset{a} \overset{]}{\phi} \overset{s}{I}] \overset{w}{[} \overset{s}{m} \overset{a} \overset{s} \overset{e} \overset{u} \overset{v} \overset{i} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{u} \overset{m} \overset{d} \overset{i} \overset{s} \overset{c} \overset{o} \overset{v} \overset{o} \overset{a} \overset{d} \overset{o} \overset{r} \overset{]}{\phi} \overset{s}{I}]$   
 c.  $[_I \overset{s}{[} \overset{w}{M} \overset{a} \overset{r} \overset{i} \overset{a} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{v} \overset{e} \overset{n} \overset{d} \overset{e} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{ã} \overset{t} \overset{a} \overset{r} \overset{d} \overset{e} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{l} \overset{i} \overset{n} \overset{d} \overset{a} \overset{s} \overset{f} \overset{l} \overset{o} \overset{r} \overset{e} \overset{s} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{n} \overset{a} \overset{p} \overset{r} \overset{a} \overset{ç} \overset{a} \overset{]}{\phi} \overset{s}{I}]$  (não o João)  
 d.  $[_I \overset{w}{[} \overset{s}{M} \overset{y} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{s} \overset{e} \overset{l} \overset{l} \overset{s} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{f} \overset{r} \overset{e} \overset{s} \overset{h} \overset{f} \overset{r} \overset{u} \overset{i} \overset{t} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{a} \overset{t} \overset{t} \overset{h} \overset{e} \overset{m} \overset{a} \overset{r} \overset{k} \overset{e} \overset{t} \overset{]}{\phi} \overset{w}{[} \overset{s}{o} \overset{n} \overset{M} \overset{o} \overset{n} \overset{d} \overset{a} \overset{y} \overset{]}{\phi} \overset{s}{I}]$  (not buys)

<sup>3</sup> 1a (BISOL, 2005); 1b (NESPOR; VOGEL, 1986).

<sup>4</sup> 2a, 2d (NESPOR; VOGEL, 1986); 2b (TENANI, 2002); 2c (BISOL, 2005).

Sintaticamente, há certos tipos de construção que formam contornos entoacionais em si mesmos. É o caso de apostos, vocativos, orações relativas (não-restritivas) e *tag questions*, como em (3)<sup>5</sup>, já que constituem informação adicionada à oração principal. De fato, a oração principal constitui uma informação sintática importante na delimitação de I. Entretanto, como não há isomorfismo entre prosódia e sintaxe, uma oração principal não necessariamente forma um único I, como quando qualquer um dos elementos acima citados encontra-se inserido nessa oração (NESPOR; VOGEL, 1986).

- (3) a. [Eduardo]<sub>I</sub> [espere um pouco]<sub>I</sub>  
b. [Apesar de haver riscos]<sub>I</sub> [a Alice vai para Souzas]<sub>I</sub>  
c. [Lions]<sub>I</sub> [as you know]<sub>I</sub> [are dangerous]<sub>I</sub>  
d. [That's Theodore's cat]<sub>I</sub> [isn't it]<sub>I</sub>

Neste estudo, I apresenta-se como fronteira prosódica relevante para a investigação do uso das pausas preenchidas porque, sintaticamente, os fins de frases entoacionais coincidem com posições em que as pausas podem ser introduzidas (TENANI, 2002<sup>6</sup>; NESPOR; VOGEL, 1986), e há evidências suficientes de trabalhos anteriores de que o domínio de I é central para o planejamento da linguagem (CLARK; FOX TREE, 2002).

Além disso, os contornos entoacionais são afetados por outros fatores individuais relacionados ao desempenho do falante, como velocidade da fala e estilo pessoal, o que conduz à consideração de que a definição de frase entoacional deve levar em conta tal variabilidade (NESPOR; VOGEL, 1986).

Como já afirmamos, as informações semânticas determinam a qual dos  $\phi$ s inseridos em I será atribuído valor forte (s) e a quais, valor fraco (w). Mas como essa informação envolve o estudo dos contornos entoacionais, assunto não abordado nesta investigação, tanto consideramos as informações sintáticas e contextuais quanto nos valem da análise auditiva, de base perceptual, para determinar os Is neste trabalho.

Finalmente, o constituinte prosódico mais alto é o enunciado (U), o qual é composto de um ou mais Is e geralmente pode ser determinado pelo início e fim de um constituinte sintático maior, embora regras fonológicas que se aplicam em seu domínio possam levar à sua reestruturação, como ocorre em outros domínios prosódicos. Sua determinação depende, além de fatores fonológicos e sintáticos, de fatores de natureza lógico-semântica (NESPOR; VOGEL, 1986), o que compreendemos como fatores pragmáticos. Ou seja, não importa o sentido

---

<sup>5</sup> 3a (BISOL, 2005); 3b (TENANI, 2002); 3c e 3d (NESPOR; VOGEL, 1986).

<sup>6</sup> para o Português do Brasil

das palavras em si, mas a relação lógica que se pretende entre os Us em questão. Entre Us há pausa inerente, como em (4)<sup>7</sup>.

- (4) a. [U [O pêssego]<sub>I</sub> [apesar do preço do mercado]<sub>I</sub> [apresentou bons resultados]<sub>I</sub>]<sub>U</sub>  
b. [Paulo vendeu laranja]<sub>U</sub> [Apresentou altos índices de produtividade]<sub>U</sub>  
c. [U [Our next door neighbor]<sub>I</sub> [Mr. Jones]<sub>I</sub> [bought an ocelot last week]<sub>I</sub>]<sub>U</sub>  
d. [My cousin collects snakes]<sub>U</sub> [Gertrudes prefers butterflies]<sub>U</sub>

Dados os nossos objetivos, justificamos que esses três domínios prosódicos servirão de base para a avaliação do uso mais ou menos fluente das pausas preenchidas encontradas no *corpus* deste trabalho. Assim, inicialmente, pautamos pela seguinte pergunta de pesquisa: como se caracteriza, nas diferentes faixas de proficiência, o emprego dos sons preenchedores *uh* e *eh* em relação à organização prosódica, dada em termos de domínios prosódicos?

## Corpus e método

O Teste de Proficiência Oral em Língua Inglesa (TEPOLI) foi aplicado pela primeira vez no ano de 2002 a alunos formandos de um curso de Licenciatura em Letras de uma universidade pública. Consiste em uma entrevista oral em língua estrangeira, individualmente ou em duplas, face a face com um examinador-interlocutor. O formato individual do teste foi aplicado até 2004, tendo posteriormente sido modificado para o formato de duplas com a finalidade de diminuir a participação do examinador. Observamos, no entanto, que o caráter interativo permeia os dois formatos do teste.

O TEPOLI inicia-se com uma fase rotulada de aquecimento, cujo objetivo é aliviar a tensão causada pelas expectativas sobre o teste. Nessa fase, o examinador faz perguntas gerais sobre os candidatos e procura brevemente estabelecer um contato cordial. É também durante esta fase que o examinador explica o teste de forma geral.

Em seguida, os candidatos devem cumprir duas tarefas. A primeira baseia-se na descrição de uma figura que o aluno escolhe, dentre três que lhe são apresentadas. O examinador pede que o candidato descreva a figura e faça suposições a respeito da mesma. Quando o teste é realizado em duplas, os alunos também comentam a figura do colega e fazem perguntas um ao outro, com base nas figuras, simulando a fala de professores. A segunda tarefa consiste numa proposta de *role-play*, em que os candidatos devem se comportar ora como professor ora como aluno e interagir um com o outro. O insumo é gerado a partir de duas transcrições de fala real de alunos, retiradas de aulas de inglês como língua

---

<sup>7</sup> 4a e 4b (TENANI, 2002); 4c e 4d (NESPOR; VOGEL, 1986)

estrangeira. Espera-se que os candidatos abordem os aspectos problemáticos na fala do outro aluno, corrigindo e explicando pontos que julgarem necessários. Para encerrar o teste, os candidatos falam sobre suas impressões a respeito da prova. Neste trabalho, o *corpus* é constituído de transcrições da fase de aquecimento e da primeira tarefa apenas.

O teste propõe uma escala com cinco faixas de proficiência (A, B, C, D, e E), sendo que a faixa menos proficiente (E) representa um candidato considerado não preparado para lecionar língua inglesa, provavelmente incapaz de sustentar uma aula na língua estrangeira. A escala não se propõe a discriminar todos os níveis de proficiência desde um nível zero, de forma que todos os possíveis níveis inferiores a D recaem sobre a faixa E. Dessa forma, um falante com uma proficiência oral praticamente nula é também descrito dentro da faixa E.

A escala apresenta descritores de proficiência relativos a: (a) fluência; (b) estrutura léxico-sintática; (c) léxico; (d) pronúncia; (e) compreensão oral. Para que um candidato seja classificado numa determinada faixa é preciso “[...] que seu desempenho no TEPOLI corresponda, com relação a todos os aspectos explicitados pelos descritores, na referida faixa” (CONSOLO, 2004, p.282). Aqueles candidatos que apresentam características de faixas diferentes são classificados na mais baixa. Devido a esse critério, é possível que os participantes selecionados por faixas apresentem, especificamente para o descritor fluência, uma proficiência acima daquela esperada para a sua faixa geral, mas nunca abaixo.

Na concepção do teste, **fluência** é descrita não apenas em seu sentido mais restrito de produção de fluxo de fala sem interrupções, mas num sentido mais amplo que envolve, como Silva (2000) coloca, a capacidade geral para desempenhar-se na situação comunicativa, cumprindo os objetivos previamente estabelecidos para a tarefa proposta ao candidato. Neste trabalho, entretanto, nossa contribuição dar-se-á no sentido de descrever e analisar os elementos denominados pausas preenchidas, deixando para outro momento sua relação com o cumprimento da tarefa.

Dessa forma, a investigação do uso de pausas preenchidas ao longo da escala pode dar indícios mais claros para os examinadores a respeito da classificação dos candidatos no TEPOLI, contribuindo para elevar o nível de confiabilidade do teste, à medida que descreve mais detalhadamente a linguagem em cada uma das faixas.

Nosso estudo compõe-se de um olhar triplô. No plano paradigmático, dois tipos de segmentos são considerados para preencher as pausas: (a) *eh* ou (b) *uh*. No plano sintagmático, buscamos investigar o contexto prosódico das pausas preenchidas: (a) dentro de constituinte menor (mesmo  $\phi$ ); (b) em fronteira de constituinte menor ( $\phi+\phi$ ); (c) em fronteira de constituinte maior (I+I ou U+U). Por

fim, no plano que chamamos pragmático, tratamos da motivação cognitiva<sup>8</sup> para a inserção de pausa preenchida: (a) autocorreção; (b) busca lexical; (c) planejamento discursivo. A Figura 01 ilustra como esses planos estão interligados:



**Figura 1** – Os três planos investigados neste estudo

Argumentamos, com base na análise de dados – a ser apresentada na próxima seção –, que tais parâmetros são úteis para aprimorar os descritores de fluência na escala e assegurar uma maior confiabilidade dos resultados da avaliação, à medida que melhor caracterizam para o examinador o tipo de linguagem esperada para cada faixa.

O *corpus* desta pesquisa é composto de situações de uso real da língua e se divide em quatro *subcorpora*, formados a partir da fala de 20 candidatos que fizeram o TEPOLI entre 2004 e 2007, e que se dividem uniformemente entre as quatro faixas de proficiência mais baixas (B, C, D e E) da escala proposta para o teste, perfazendo cinco candidatos por faixa. A faixa mais alta foi excluída desta análise pelo fato de haver apenas um candidato classificado dentre todos os que fizeram o teste até o ano de 2007, o que, a nosso ver, poderia prejudicar a interpretação dos resultados.

Todos os candidatos são alunos formandos no curso de Licenciatura em Letras de uma universidade pública. Em relação ao sexo, 16 são do sexo feminino e quatro, do sexo masculino. Essa diferença na distribuição dos participantes quanto ao gênero se deve ao fato de, nesse curso, haver uma grande predominância de mulheres.

Devido a alterações no formato do teste de um ano para outro, alguns realizaram a entrevista individualmente e outros em dupla. Entretanto, como já tratamos anteriormente, o caráter dialógico continua existindo em ambos os formatos. Infelizmente, durante a seleção do *corpus*, não foi possível garantir que as faixas tivessem um mesmo número de testes do mesmo formato. Decidimos priorizar os dados que apresentassem qualidade suficiente para a análise perceptual, o que

---

<sup>8</sup> A motivação não está ligada à intencionalidade ou à consciência, mas é compreendida aqui como a explicação de processos cognitivos que estão exigindo demais do falante a ponto de ele fazer uma pausa.

fez com que a distribuição dos formatos de teste não fosse uniforme ao longo das faixas, por haver um número relativamente restrito de alunos em cada faixa até o momento desta investigação. Os dados sobre todos os *subcorpora* encontram-se no Quadro 01, inclusive o descritor de fluência para cada faixa.

Faixa	Descritor	Formato	Tempo (min)
B	Atinge plenamente os objetivos de comunicação e interação verbal, demonstrando fluência e habilidade na produção oral	3 testes individuais e 2 em dupla	53
C	Atinge os objetivos de comunicação e interação verbal satisfatoriamente	2 testes individuais e 3 em dupla	60
D	Atinge plenamente os objetivos de comunicação e interação verbal, porém com algumas limitações, e pode exibir falta de fluência	2 testes individuais e 3 em dupla	62
E	Não atinge todos os objetivos de comunicação e interação verbal, apresentando falta de fluência e de competência na produção oral	1 teste individual e 4 em dupla	62

**Quadro 1** – Distribuição do *corpus* segundo a escala do TEPOLI e duração de tempo

As gravações e transcrições foram realizadas por outros pesquisadores que fazem parte do grupo de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas: Crenças, Construtos e Competências (Enaple-CCC). As gravações dos anos de 2004 e 2005 se deram em formato analógico, enquanto em 2006 e 2007, em formato digital. Os dados analógicos foram posteriormente digitalizados para facilitar o trabalho de transcrição, que foi realizado ortográfica e perceptualmente por assistentes de pesquisa. Após revisadas as transcrições já existentes, procedemos a inserção dos sons preenchedores *uh* e *eh* empregados pelos candidatos, tendo em vista que esses fenômenos não estavam incluídos nas transcrições originais.

Foram selecionados trechos de aproximadamente 10 minutos para as entrevistas individuais e 15 minutos para aquelas em dupla – incluindo a fase de aquecimento e a primeira tarefa do teste. Existe alguma variação de tempo entre os *subcorpora* porque as tarefas têm duração parecida para todos os candidatos, mas não idênticas, uma vez que dependem de seus desempenhos individuais.

Para a análise de parte dos dados, empregamos o software TextSTAT 2.7 (Simple Text Analysis Tool), disponibilizado gratuitamente para download na

internet<sup>9</sup>. Essa ferramenta calcula a quantidade de *tokens* e *types* produzidos pelos falantes. *Tokens* são todas as palavras, ainda que repetidas, encontradas num arquivo; ao passo que, para o cálculo dos *types*, palavras repetidas contam apenas uma vez. A medida dos *types* fornece informação sobre quantas palavras diferentes há no arquivo, e é normalmente empregada para análises de vocabulário. Interessa-nos aqui a análise dos *tokens*.

Fizemos um primeiro levantamento quanto à quantidade de palavras e turnos em cada faixa para nos assegurarmos de que as diferenças de tempo entre as faixas não prejudicariam a interpretação dos resultados. Essas informações também serviram para validar parte do descritor fluência. Em seguida, analisamos a frequência de todas as ocorrências de pausas preenchidas *eh* e *uh* no mesmo software. A análise do contexto prosódico foi realizada perceptualmente. Finalmente, investigamos a motivação para cada uma das pausas preenchidas, com base em pistas prosódicas e sintáticas.

## Resultados e discussão

Iniciamos esta seção apresentando os resultados da investigação sobre a validade do descritor de fluência na escala a partir da relação entre a quantidade de palavras e de turnos conversacionais e o tempo de duração total das entrevistas dos *subcorpora*.

A Tabela 02 exhibe em frequências a duração total dos trechos de entrevista selecionados para todos os *subcorpora*, o total de palavras (*tokens*) produzidas pelos candidatos e o total de turnos que realizam. A relação de *tokens* por minuto, bem como a de *tokens* por turno, permite-nos observar algumas diferenças entre as faixas no que concerne à esfera conceitual quantitativa do construto de fluência, ou seja, que um falante é tanto mais fluente quanto mais palavras consegue produzir.

---

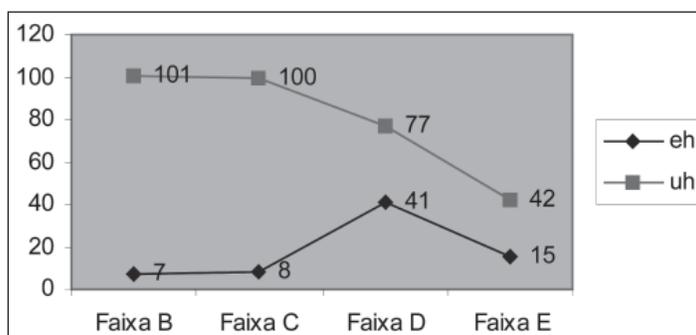
<sup>9</sup> DUTCH..., 2007.

**Tabela 02** – Descrição dos *subcorpora* em relação a duração, *tokens* e turnos

Faixa	Duração (min)	Tokens	Turnos	Relação <i>tokens/</i> min	Relação <i>tokens/</i> turno
B	53	3704	194	69,88	19,09
C	60	3508	194	58,46	18,08
D	62	3407	246	54,95	13,84
E	62	2151	232	34,69	9,27

É possível perceber que há um aumento na quantidade de *tokens* à medida que se caminha da faixa mais baixa para a mais alta em proficiência. Também os turnos conversacionais são cada vez maiores e fala-se mais em menos tempo. Esses resultados servem para assegurar que o descritor **fluência** prevê corretamente que existe diferença entre as performances ao longo das faixas.

Em relação ao emprego das pausas preenchidas *eh* e *uh*, com ou sem a presença de alongamento, os resultados mostram uma diferença significativa entre as faixas C e D e também entre as faixas D e E (Figura 02).



**Figura 02** – Inserção de pausas preenchidas *eh* e *uh* ao longo das faixas

Na faixa E, há pouco uso de pausas preenchidas. Nessa faixa, a fala dos candidatos é curta – 9,27 palavras por turno, em média (Tabela 02) –, já que tendem a responder apenas o mínimo para não incorrerem em erros ou momentos desconcertantes de silêncio por lhes faltarem palavras para se expressar. A estratégia de entrega de turno, a partir de uma resposta sucinta e entoação descendente, permite-lhes não precisar realizar pausas longas com tanta frequência ( $f=62$ , Tabela 03).

**Tabela 03** – Pausas silenciosas breves<sup>10</sup> e longas e sua relação com *tokens*

<b>Faixa</b>	<b>Pausas breves</b>	<b>Pausas ≥ 1 seg</b>	<b>Tokens/ Pausas breves</b>	<b>Tokens/ Pausas ≥ 1 seg</b>
B	525	78	7,05	47,48
C	488	140	7,18	25,05
D	613	137	5,55	24,86
E	435	62	4,94	34,69

À medida que esses candidatos melhoram sua proficiência e caminham para a faixa D, apresentam um vocabulário mais amplo e começam a se arriscar mais. Nesse momento, dois fatos se observam: esses candidatos (a) realizam mais pausas silenciosas em busca do vocabulário ou forma gramatical adequada ( $f = 613$  para pausas breves;  $f = 137$  para pausas longas; Tabela 03); (b) começam a preencher muitas de suas pausas, entretanto, utilizando ainda o som *eh*, típico de sua língua materna, já que esse é o som preenchedor por excelência no português do Brasil (MARCUSCHI, 1999). Os alunos nessa faixa (D) já fazem uso do som preenchedor *uh*, típico do inglês; seu uso aparece, entretanto, mesclado com o uso de *eh* (Figura 02).

Por sua vez, os candidatos que se encontram na faixa C já adquiriram a capacidade de empregar com uma frequência muito mais alta o som *uh*, em quase a totalidade de suas pausas preenchidas (Figura 02). Há também uma diminuição das pausas breves silenciosas ( $f = 488$ ; Tabela 03), o que pode ser compreendido como a transformação de pausas silenciosas em pausas preenchidas, já que as frequências das duas são inversamente proporcionais. Não observamos diferença significativa entre as faixas B e C, no que concerne à frequência do tipo de segmento empregado.

Passamos agora a analisar qualitativamente todos os casos de emprego de pausas preenchidas *eh* e *uh* em relação aos domínios prosódicos considerados, bem como à motivação cognitiva. Foram excluídos da análise prosódica os casos que apresentavam quantidade grande de outros fenômenos hesitativos ao mesmo tempo.

Não observamos uma distribuição que caracterize claramente diferentes usos dos preenchedores *eh* e *uh*. Devemos manter em mente, entretanto, que o processo em língua estrangeira é diferente do processo que se dá em língua materna e que todos os falantes da língua estrangeira, mesmo aqueles que se

<sup>10</sup> Pausas não de contorno entoacional, inferiores a 1 seg.

encontram nas mais altas faixas de proficiência, apresentam focos de desvantagem em relação ao falante nativo, encontrando-se em “estágios de habilidades meta-comunicativas limitadas” (NASCIMENTO, 2005, p.31). A Tabela 04 apresenta a distribuição por faixas dos segmentos *eh* e *uh* e a frequência e porcentagem de seu emprego para a autocorreção.

**Tabela 04** – Emprego dos segmentos *uh* e *eh* para autocorreção

Faixa	<i>eh</i>			<i>uh</i>		
	<i>f</i>	Autocorreção	% faixa <sup>11</sup>	<i>f</i>	Autocorreção	% faixa
<b>B</b>	7	5	71,42	101	4	3,96
<b>C</b>	8	1	12,50	96	3	3,12
<b>D</b>	40	4	10,00	74	2	2,70
<b>E</b>	15	2	13,33	39	3	7,69
<b>Total</b>	70	12	17,14	310	12	3,87

De acordo com esses dados, não há diferença significativa entre as faixas na escolha do tipo de segmento, *eh* ou *uh*, para a estratégia de autocorreção. Entretanto, na faixa B, o som *eh* é utilizado quase que unanimemente para realizar autocorreções na fala (71,42% das vezes em que emprega *eh*). Nessa faixa, o som *uh* do inglês já é largamente empregado como o som típico para preenchimento de pausas, tendo substituído o típico *eh* do português. Todavia, ainda observamos que nos casos de autocorreção, o falante ainda recorre ao segmento *eh* em 55% das vezes. Em todas as faixas o som mais utilizado para sinalizar a estratégia de autocorreção é o preenchedor *eh*.

Em (5) apresentamos exemplos de inserção de pausa preenchida com a finalidade de autocorreção em todas as faixas analisadas, as quais trazemos entre parênteses.

- (5) a. if I was married or if I was **uh** have a boyfriend(**B**)  
 b. it seems to be a **bi uh** a beach maybe(**C**)  
 c. because I intend to **uh** I **eh** I'm going to pass master's and(**D**)  
 d. the children killed killed the **the eh one** adult one adult man(**E**)

<sup>11</sup> Em algumas tabelas deste trabalho, apresentamos tanto a porcentagem da distribuição em relação à faixa (% faixa), quanto em relação ao *corpus* (% *corpus*). Os dados referentes à faixa dão informação sobre o emprego típico das pausas preenchidas dentro de cada faixa, ao passo que os dados referentes ao *corpus* permitem visualizar melhor as diferenças entre faixas.

A seguir, excluimos todos os casos de *eh* e *uh* empregados com fins de autocorreção e analisamos o contexto prosódico das pausas preenchidas de outras motivações cognitivas. De forma geral, o emprego de pausas preenchidas ao longo das faixas analisadas em relação aos domínios prosódicos encontra-se distribuído de acordo com a Tabela 05. Nessa tabela, apresentamos o total de ocorrências consideradas, a frequência e a porcentagem dessas ocorrências em relação aos *subcorpora* e ao *corpus* completo, sem distinguirmos entre o tipo de segmento.

**Tabela 05** – Contexto prosódico das pausas preenchidas *eh* e *uh*

Faixa	<i>f</i> geral	Fronteira de $\phi$ ou de constituintes menores que $\phi$			Fronteira de constituinte maior (I ou U)		
		<i>f</i>	% faixa	% corpus	<i>f</i>	% faixa	% corpus
<b>B</b>	99	56	56,56	15,73	41	41,41	11,51
<b>C</b>	100	65	65,00	18,25	35	35,00	9,83
<b>D</b>	108	68	62,96	19,10	40	37,03	11,23
<b>E</b>	49	27	55,10	7,58	24	48,97	6,74
<b>Total</b>	356	216		60,66	140		39,31

Os resultados da análise prosódica confirmam o que já havíamos observado nos dados sobre a frequência geral de emprego de *eh* e *uh* e também em relação aos *tokens* produzidos. Os alunos na faixa E apresentam poucas pausas preenchidas e são necessários outros estudos que investiguem qualitativamente o uso que fazem das pausas silenciosas para agregar informação ao que trazemos com este estudo. No entanto, podemos observar que, com exceção dessa faixa, conforme caminhamos em direção a níveis de proficiência mais altos, temos uma menor incidência de pausas preenchidas em fronteiras de constituintes mais baixos na hierarquia prosódica ( $f=68$  em D;  $f=65$  em C; e  $f=56$  em B). Além disso, as análises mostraram que a frequência das ocorrências de pausas preenchidas em fronteiras de  $\phi$  também diminui em direção a faixas superiores ( $f=49$  em D;  $f=41$  em C; e  $f=38$  em B<sup>12</sup>, evidenciando que quanto mais alta a proficiência, menos pausas (preenchidas) o falante precisa fazer nessas posições, o que pode sugerir que tem menos problemas para encontrar léxico adequado para se expressar, como veremos mais adiante.

As Tabelas 06 e 07 exibem a distribuição de *eh* e *uh*, respectivamente, em relação aos domínios prosódicos em questão neste estudo. Conforme a Tabela

<sup>12</sup> Dados não apresentados na tabela, mas calculados a partir dela.

06, na faixa E, o uso de *eh* surge de modo bastante diluído entre os contextos prosódicos possíveis. Semelhantemente à distribuição do total de pausas preenchidas *eh* e *uh*, apresentadas na Tabela 05 e já discutidas, a ocorrência de *eh* aumenta consideravelmente ao nos dirigirmos da faixa E para a D e cai em grande proporção quando passamos para a faixa C. Essas variações são ainda maiores no emprego de *eh* em fronteiras de constituintes hierarquicamente mais altos (dentro de  $\phi$ , a variação é de 6 ocorrências na faixa D para 3 na C, uma redução equivalente a 50%; no contexto de  $\phi+\phi$ , a redução é de 19 para 2, perfazendo uma redução de aproximadamente 89,47%; e no contexto de I+I ou U+U, a redução é de aproximadamente 81,81%).

A faixa B ainda apresenta menos ocorrências de *eh* em fronteiras de constituintes menores, se comparada à faixa C (nenhuma ocorrência em B). De fato, essa é a única faixa em que *eh* é utilizado somente em fronteira de constituinte maior. Entretanto, a frequência de *eh* sem o fim de autocorreção nessa faixa é muito baixa (Tabela 06).

**Tabela 06** – Contexto prosódico das pausas preenchidas

Faixa	Mesmo $\phi$			$\phi + \phi$			I + I ou U + U		
	f	% faixa	% corpus	f	% faixa	% corpus	f	% faixa	% corpus
Pausa preenchida eh									
<b>B</b>	0	0	0,00	0	0	0,00	2	100	3,44
<b>C</b>	3	42,85	5,17	2	28,57	3,44	2	28,57	3,44
<b>D</b>	6	16,66	10,34	19	52,77	32,75	11	30,55	18,96
<b>E</b>	4	30,76	6,89	4	30,76	6,89	5	38,46	8,69
<b>Total</b>	13		22,40	25		43,08	20		34,53
Pausa preenchida uh									
<b>B</b>	18	18,55	6,00	38	39,17	12,66	41	42,26	13,66
<b>C</b>	21	22,58	7,00	39	41,93	13,00	33	35,48	11,00
<b>D</b>	13	18,05	4,33	30	40,54	10,00	29	40,27	9,66
<b>E</b>	4	10,52	1,30	15	39,47	5,00	19	50,00	6,33
<b>Total</b>	56		18,63	122		40,66	122		40,65

A seguir, em (6), trazemos alguns exemplos da inserção de *eh* nos contextos prosódicos, quantificados na Tabela 06, encontrados no *corpus* deste trabalho.

- (6) a. [I think]<sub>I</sub> [from this time on]<sub>I</sub> **eh** [it's a little bit]<sub>I</sub> uh [I would say]<sub>I</sub> (**I+I; B**)  
 b. [if you were]  $\phi$  [this this **eh** girl]  $\phi$  [would you] (**mesmo  $\phi$ ; C**)  
 c. [I think]  $\phi$  [that his family]  $\phi$  **eh** [approve]  $\phi$  [this act]  $\phi$  ( **$\phi + \phi$ ; D**)  
 d. [I translate]  $\phi$  [lyrics]  $\phi$  [just **eh** it]  $\phi$  [but I studied]  $\phi$  (**mesmo  $\phi$ ; E**)

O som preenchedor *uh*, (Tabela 06), é empregado com uma frequência muito maior que *eh* em posições de fronteiras prosódicas de constituintes maiores. Ao compararmos a frequência de *eh* à frequência de *uh* nessas posições, percebemos que, em todas as faixas o emprego de *uh* em fronteiras de constituintes maiores é mais freqüente que o de *eh*. Numa análise comparativa do uso de *eh* e *uh* intra-faixas, com exceção da B, em todas as faixas a porcentagem (% faixa) de emprego de *uh* nessa posição é maior que de *eh*. Além disso, o emprego de *uh* nas fronteiras entoacionais (I) ou de enunciados (U) está diretamente ligada ao

nível de proficiência oral do falante, já que a distribuição desse preenchedor em todo o *corpus* está correlacionada às faixas da escala (6,33% em E; 9,66% em D; 11% em C; e 13,66% em B).

A seguir, em (7), apresentamos exemplos de *uh* nos contextos prosódicos quantificados na Tabela 06, encontrados no *corpus* deste trabalho.

- (7) a. [I developed a lot]<sub>i</sub> [I think]<sub>i</sub> **uh** [but I I want to continue studying]<sub>i</sub> **(I+I; B)**  
 b. [I tried some extreme sports]<sub>i</sub> [like rafting]<sub>i</sub> **uh** [bungee jumping]<sub>i</sub> **(I+I; C)**  
 c. [in this picture]  $\phi$  [you have]  $\phi$  **uh** [a couple]  $\phi$  **( $\phi$ + $\phi$ ;D)**  
 d. [I teach]  $\phi$  **uh** [one class]  $\phi$  [last year]  $\phi$  [to a project]  $\phi$  **( $\phi$ + $\phi$ ;E)**

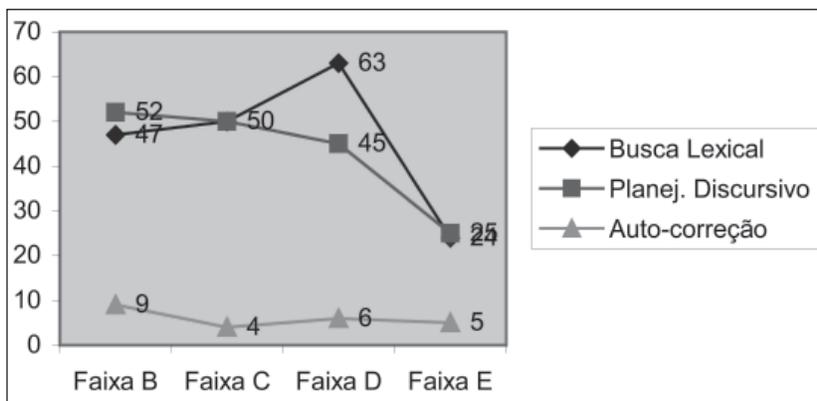
A observação de que a inserção de pausas preenchidas em fronteiras de constituintes prosódicos menores diminui à medida que aumenta a proficiência do falante (Tabela 05) leva-nos a questionar as motivações cognitivo-discursivas para a inserção dessas pausas. Além da autocorreção, são previstos neste trabalho outros dois tipos de motivação: busca lexical, que se constitui uma motivação de ordem cognitiva, já que o falante pode ter problemas em acessar seu *lexicon* em tempo real; e planejamento discursivo, uma motivação de ordem textual-discursiva. A identificação dessas razões é feita por meio da análise dos elementos linguísticos que se seguem às pausas preenchidas e do seu contexto prosódico na língua em uso.

Assim, pausas antes de palavras de alto conteúdo lexical, e em fronteiras de constituintes prosódicos menores, podem apontar para dificuldade em lidar com o acesso ao léxico, ao passo que pausas antes de constituintes maiores, em fronteiras entoacionais ou após a primeira palavra do grupo entoacional, podem indicar uma organização da mensagem, configurando planejamento discursivo.

Entretanto, a busca lexical nem sempre evidencia falta de proficiência do falante, embora sua alta frequência possa dar indícios mais claros disso. A busca lexical pode ser motivada por uma carga cognitiva superior àquela com que o falante consegue lidar num determinado momento em tempo real. Situações de teste oral geralmente elevam a carga cognitiva do aluno e, portanto, a busca lexical ocorre em todos os níveis de proficiência, embora se espere que em menor frequência naqueles mais altos.

Por sua vez, o planejamento discursivo não está tão relacionado ao nível de proficiência na língua estrangeira, já que sua classe não é propriamente linguística. Apresenta apenas certa relação, de acordo com o modelo de proficiência comunicativa que adotamos e que entende a proficiência geral como a soma dos fatores gramaticais (fonológico, lexical e sintático), textuais e sociais (BACHMAN, 1990).

Como na faixa E o uso de pausas preenchidas é ainda muito baixo, é a partir da faixa D que temos mais sinalização de busca lexical e de planejamento discursivo. Os dados mostram que o emprego de pausas preenchidas com motivação de busca lexical diminui à medida que caminhamos para faixas mais altas e que, por oposição, as pausas preenchidas com motivação textual-discursiva aumentam (Figura 03). Portanto, essas são medidas indiretamente proporcionais.



**Figura 03** – Motivação cognitiva para a inserção de pausas preenchidas *eh* e *uh*

Se analisarmos mais a fundo, observaremos que a escolha do som preenchido para cada motivação é diferente dependendo da faixa de proficiência. A Tabela 07 apresenta os dados de emprego de *eh* e *uh*, respectivamente, para as três categorias de motivação, a porcentagem de incidência sobre cada faixa e a porcentagem sobre o total do *corpus* envolvendo todas as faixas.

**Tabela 07** – Motivação cognitivo-discursiva para pausa preenchida

Faixa	<i>f</i> <i>geral</i>	Autocorreção			Busca lexical			Planejamento discursivo		
		<i>f</i>	%	%	<i>f</i>	%	%	<i>f</i>	%	%
Pausa preenchida eh										
<b>B</b>	7	5	71,43	7,14	0	0,00	0,00	2	28,57	2,86
<b>C</b>	8	1	12,50	1,43	4	50,00	5,71	3	37,50	4,29
<b>D</b>	40	4	10,00	5,71	25	62,50	35,71	11	27,50	15,71
<b>E</b>	15	2	13,33	2,86	9	60,00	12,86	4	26,67	5,71
<b>Total</b>	70	12		17,14	38		54,28	20		28,57
Pausa preenchida uh										
<b>B</b>	101	4	3,96	1,29	47	46,53	15,16	50	49,50	16,13
<b>C</b>	96	3	3,13	0,97	46	47,92	14,84	47	48,96	15,16
<b>D</b>	74	2	2,70	0,65	38	51,35	12,26	34	45,95	10,97
<b>E</b>	39	3	7,69	0,97	15	38,46	4,84	21	53,85	6,77
<b>Total</b>	310	12		3,88	146		47,10	152		49,03

As porcentagens sobre cada faixa permitem depreender que a principal motivação para o emprego de *eh* é a busca lexical, independentemente do nível de proficiência (na faixa C, 50% de todas as ocorrências de *eh* sinalizam busca lexical; na faixa D isso ocorre em 62,50% das vezes, e na E, em 60%), com exceção da faixa B, cuja principal motivação é a autocorreção (71,43%). Olhando para as porcentagens da motivação de busca lexical sobre o total do *corpus*, percebemos que a sinalização de busca lexical com *eh* é mais utilizada nas faixas mais baixas (D e E), ao ponto de na faixa B não haver nenhuma ocorrência desse tipo. Apresentamos em (8) exemplos do uso de *eh* para sinalizar busca lexical.

- (8) a. this is a little bit **eh** expensive(C)  
 b. I have to: + prepare my [1] **eh** my paper for [1]<sup>13</sup>(D)  
 c. I I I + don't **eh** talk very well(E)

<sup>13</sup> Na transcrição ortográfica, o símbolo + marca uma pausa breve, inferior a um segundo; o símbolo [1] marca uma pausa longa de um segundo.

O contrário acontece com o emprego de *uh* para essa mesma categoria de busca lexical. A frequência de *uh* diminui à medida que caminhamos em direção a níveis mais baixos (Tabela 07). Isso também acontece na categoria planejamento discursivo: nas faixas mais altas, os candidatos empregam *uh* com maior frequência e *eh* com menor frequência do que os candidatos das faixas mais baixas. Além disso, pelas porcentagens sobre cada faixa, percebemos que a motivação principal para o emprego de *uh* é o planejamento discursivo (exceção para a faixa D, em que a principal motivação é a busca lexical), já que *uh* é empregado com essa finalidade em 49,50% das vezes na faixa B, em 48,96% em C e em 53,85% em E. Salientamos, entretanto, que a diferença entre o emprego de *uh* para busca lexical e para planejamento discursivo é modesta.

Em (9) ilustramos o emprego de *uh* com a motivação de planejamento discursivo.

- (9) a. because **uh** to me is + not that **uh** everything should be perfect(**B**)  
b. I have English since I was something **uh** around ten years old(**C**)  
c. I like Portuguese + and + **uh** I've been studying English + for a long time(**D**)  
d. but **uh** + I don't know + I'm not and uh + I don't like uh + the the situation(**E**)

A Tabela 08 apresenta as escolhas do segmento de preenchimento por faixas para as categorias busca lexical e planejamento discursivo, respectivamente. Tais dados corroboram as observações feitas anteriormente sobre as escolhas para pausas preenchidas. Além disso, o som *uh* ainda é mais utilizado que *eh* tanto para busca lexical quanto para planejamento discursivo em todas as faixas de proficiência da escala. Explicamos esse fato com base nos objetivos do TEPOLI, bem como em sua natureza. Por ter a finalidade de certificar professores de inglês, assegurando uma proficiência mínima necessária para o exercício da profissão, o teste não objetiva discriminar níveis muito baixos de proficiência. Conforme já explicitado, a escala do TEPOLI apresenta o nível mínimo considerado para aprovação no teste: a faixa D. Isso significa que a faixa E não representa o nível zero em proficiência oral na língua estrangeira e, portanto, mesmo os candidatos dessa faixa já apresentam o uso de *uh*, embora em bem menor escala que aqueles das faixas mais altas.

**Tabela 08** – Escolha de segmento *eh* ou *uh* para busca lexical e planejamento discursivo

Faixa	<i>f geral</i>	<i>eh</i>			<i>uh</i>		
		<i>f</i>	% faixa	% corpus	<i>f</i>	% faixa	% corpus
Busca lexical							
<b>B</b>	47	0	0,00	0,00	47	100,00	25,54
<b>C</b>	50	4	8,00	2,17	46	92,00	25,00
<b>D</b>	63	25	39,68	13,58	38	60,31	20,65
<b>E</b>	24	9	37,50	4,89	15	62,5	8,15
<b>Total</b>	184	38		20,64	146		79,34
Planejamento discursivo							
<b>B</b>	52	2	3,84	1,16	50	96,15	29,06
<b>C</b>	50	3	6,00	1,74	47	94,00	27,32
<b>D</b>	45	11	24,44	6,39	34	75,55	19,76
<b>E</b>	25	4	16,00	2,32	21	84,00	12,20
<b>Total</b>	172	20		11,61	152		88,34

Pelas frequências totais de pausas preenchidas (*f geral*) exibidas na Tabela 08, afirmamos que as diferenças entre faixas para o emprego de pausas preenchidas são mais acentuadas na categoria busca lexical do que na categoria planejamento discursivo. Da faixa E para a D, há uma diferença de 39 pontos para busca lexical e de 20 para planejamento discursivo. Da faixa de proficiência D para a C, essas diferenças são de 13 e 5 pontos, respectivamente, e da C para B, de 17 e 2. Os resultados são condizentes com o modelo teórico que fundamenta as concepções de proficiência comunicativa do TEPOLI, descrito em Bachman (1990). A categoria busca lexical está muito mais ligada ao nível de proficiência do falante do que a categoria planejamento discursivo. Daí as diferenças entre faixas nessa última serem mais modestas.

Finalmente, os dados da Tabela 09 permitem compreender o contexto prosódico típico para a inserção de pausa preenchida para as categorias busca lexical e planejamento discursivo.

**Tabela 09** – Relação entre motivação cognitiva e domínios prosódicos

Faixa	<i>f geral</i>	Busca lexical			Planejamento discursivo		
		Mesmo $\phi$	$\phi + \phi$	I + I ou U + U	Mesmo $\phi$	$\phi + \phi$	I + I ou U + U
<b>B</b>	99	17	30	0	1	8	43
<b>C</b>	100	23	24	3	1	17	32
<b>D</b>	108	19	38	6	0	11	34
<b>E</b>	49	6	14	4	0	5	20

Corroborando os estudos de Scarpa (1995), percebemos que a busca lexical costuma ocorrer em fronteiras prosódicas de constituintes menores, mas este estudo ainda avança ao mostrar que essa fronteira é a de  $\phi$ . Por sua vez, o contexto prosódico típico de pausa preenchida para planejamento discursivo é a fronteira de constituintes maiores, I ou U, conforme ilustramos com dados do *corpus* em (10).

- (10) a. [I don't have]  $\phi$  **uh** [lots of groups]  $\phi$  [to teach]  $\phi$ (**B**)  
 b. [I have]  $\phi$  [two classes]  $\phi$  [one class]  $\phi$  [is]  $\phi$  **uh** [adults]  $\phi$ (**C**)  
 c. [they have]  $\phi$  **uh** [I don't know]  $\phi$  [how to say]  $\phi$ (**D**)  
 d. [I think that]  $\phi$  [it shows]  $\phi$  **eh** [a lot of options]  $\phi$  [to offer]  $\phi$ (**E**)

### Considerações Finais

Acreditamos, com este trabalho, ter contribuído tanto com os estudos em Fonologia quanto com a pesquisa em avaliação de proficiência na área de Linguística Aplicada. Na Fonologia, avançamos ao descrever o contexto prosódico típico ( $\phi+\phi$ ) para a inserção de pausa preenchida quando o falante está realizando a tarefa cognitiva de procurar palavras para se expressar, o que denominamos neste trabalho de busca lexical. Com a Linguística Aplicada, contribuimos ao evidenciar que as escolhas do tipo de segmento empregado no preenchimento de pausas são um indicador do nível de proficiência oral do falante. Além disso, também contribuimos para os estudos de validação da escala do TEPOLI, mais especificamente no que concerne ao descritor **fluência**, ao encontrarmos dados que indiquem haver diferenças entre as faixas na quantidade de *tokens* produzidos por minuto e por turno, e também, especificamente no emprego das pausas preenchidas.

Dessa forma, cremos ter mostrado como a consideração do tipo de segmento preenchedor, do contexto prosódico desse segmento e de sua função

pragmática fornece subsídios para o avaliador classificar o candidato em faixas de proficiência.

## **Agradecimentos**

Agradeço às professoras Dra. Luciani Ester Tenani, Dra. Gladis Massini-Cagliari e Dra. Ester Miriam Scarpa as leituras e valiosas sugestões à redação final deste texto.

ALMEIDA, V. B. Filled-in pauses and prosodic domains: evidence for the validation of the fluency descriptor of an oral proficiency test in a foreign language. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.167-193, 2009.

- *ABSTRACT: This paper analyzes the use of filled in pauses eh (ε) and uh(θ) employed by Brazilians speaking English as a second language at interviews of the Test of English Oral Proficiency (TEPOLI). The study is based on the theory of Prosodic Phonology by Nespor and Vogel (1986) and on the studies on filled-in pauses and the concept of fluency by Moniz (2006), Merlo (2006), and Scarpa (1995). The investigation comprises a triple analysis: the speakers' choices of eh and uh as filled-in pauses; the prosodic contexts of filled-in pauses; the discourse and cognitive reason that leads to the insertion of filled-in pauses. Besides being the basis for the study of the concept of fluency, the data offer major descriptive power to the test scale and, thus, contribute to the studies on the test validity and reliability.*
- *KEYWORDS: Filled-in pauses. Prosodic Phonology. Proficiency test.*

## **REFERÊNCIAS**

BACHMAN, L. F. *Fundamental considerations in language testing*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.243-255.

BROWN, A. Interviewer variation and the co-construction of speaking proficiency. *Language testing*, London, v.20, n.1, p.1-25, 2003.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.23, p.137-151, 1992.

CAMPOS, J. C.; CRUZ, R. C. F. Levantamento dos elementos paralinguísticos de fala espontânea: proposta preliminar de uma anotação padrão. *Revista Científica da UFPA*, Belém, v.6, n.1, 2007. Disponível em: <[http://www2.ufpa.br/rcientifica/artigos\\_cientificos/ed\\_08/pdf/josivane\\_carmo.pdf](http://www2.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/josivane_carmo.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2007.

CLARK, H. H.; FOX TREE, J. E. Using *uh* and *um* in spontaneous speaking.

*Cognition*, Amsterdam, v.84, n. 1, p.73-111, May 2002.

CONSOLO, D. A. A construção de um instrumento de avaliação da proficiência oral do professor de língua estrangeira. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v.43, n.2, p.265-286, 2004.

CONSOLO, D. A. Viewing teacher talk as formulaic language: a contribution towards non-native teachers oral performance? *Contexturas*, Campinas, v.2, n. 1, p.17-28, 1994.

CONSOLO, D.; SILVA, V. L. T. The TEPOLI test: construct, updated tasks and new parameters to assess EFL teachers' oral proficiency. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 1., 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2007. 1 CD-ROM.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DUTCH LINGUISTICS. Free University of Berlin. *TextSTAT*: simple text analysis tool. 2007. Disponível em: <[www.niederlandistik.fu-berlin.de/textstat/software-en.html](http://www.niederlandistik.fu-berlin.de/textstat/software-en.html)>. Acesso em: 15 jan. 2008

FILLMORE, C. J. On fluency. In: FILLMORE, C. J.; KEMPLER, D.; WANG, W. S-Y. *Individual differences in language ability and language behavior*. New York: Academic Press, p.85-101, 1979.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1995.

LUOMA, S. *Assessing speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MACLAY, H.; OSGOOD, C. Hesitation in spontaneous speech. *Word*, New York, v.15, p.19-44, 1959.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 1999. v.7, p.159-194.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

MERLO, S. *Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais*. 2006. 218 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

MONIZ, H. G. S. *Contributo para a caracterização dos mecanismos de (dis)fluência no português europeu*. 2006.168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006.

NASCIMENTO, J. C. *Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José

do Rio Preto, 2005.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

SCARAMUCCI, M. V. R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v.36, p.11-22, 2000.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.29, p.163-184, 1995.

SCLIAR-CABRAL, L.; RODRIGUES, B. B. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.26, p. 63-77, 1994.

SILVA, V. L. T. *Fluência oral*: imaginário, construto e realidade num curso de Letras/LE. 2000. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,

SWERTS, M. Filled pauses as markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v.30, n.4, p.485-496, 1998.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil*: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 317f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ZANIBONI, L. F. *O funcionamento das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson*. 2002. 228 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em dezembro de 2008.

